

Apresentação

DOSSIÊ CIÊNCIAS SOCIAIS UFG: 50 ANOS

Camilo Braz

Doutor em Ciências Sociais (Universidade de Campinas)
Professor na Universidade Federal de Goiás,
Goiânia, Goiás, Brasil
camilobraz@gmail.com

Eliane Gonçalves

Doutora em Ciências Sociais (Universidade de Campinas)
Professora na Universidade Federal de Goiás,
Goiânia, Goiás, Brasil
elianego@uol.com.br

Francisco da Mata Machado Tavares

Doutor em C. Política (Universidade Federal de Minas Gerais)
Professor na Universidade Federal de Goiás,
Goiânia, Goiás, Brasil
francktavares@uol.com.br

Walter Benjamin inicia seu célebre texto *O narrador* afirmando que a arte de narrar está em via de extinção e que “quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (Benjamin, 1987, p. 197). O texto é de 1936. Em tempos de informação e comunicação instantâneas, cujo tom curto, direto, cortado, minimizado parece fazer arrefecer qualquer interesse por textos que ultrapassem duas laudas, cá estamos, na contramão, a insistir nas narrativas históricas, articulando o passado não “como ele de fato foi” (1987, p. 224), mas justapondo posições, opiniões, sentidos e visões. Afinal, se a memória deve ser compreendida, nos termos de Michael Pollak, como algo que muda ao longo do tempo, que se transforma, também deve ser tomada como perpassada por clivagens, “marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis” (1992, p. 201). E, como fenômeno socialmente construído que é, importam os acontecimentos vividos, os personagens, os lugares de memória, seja a “individual”, seja a coletiva. E importam também as relações de poder, as questões políticas, os conflitos e as disputas.

A proposta deste dossiê é, portanto, oferecer ao público leitor alguns “traços”, para usar a expressão de Telma Camargo (ver artigo neste número) de memória dos cinquenta anos do curso de ciências sociais na UFG. Para isso, com a intenção de contribuir com a produção dessas memórias, convidamos professores e professoras das três áreas – Antropologia, Sociologia e Ciência Política – para relatarem, a partir de suas pesquisas ou em primeira pessoa, no melhor estilo de uma narrativa calcada na experiência de si, suas impressões e visões devidamente contextualizadas desses cinquenta anos: o começo, o desenvolvimento, o amadurecimento e a consolidação do curso, as querelas disciplinares e institucionais, as redes e alianças, as relações de poder, as amizades e as

conquistas. São quatro artigos e uma entrevista, distribuídos nas seções específicas da revista.

O dossiê, composto exclusivamente com artigos da casa – nada mais justo, afinal é o cinquentenário do nosso curso –, pode ser visto como um ato de rebeldia e resistência perante as políticas de avaliação de periódicos reinante no País, por sua “endogenia”. As análises sobre o relevante papel dos primeiros alunos na perpetuação do curso de ciências sociais na UFG e a trajetória política que marcou as décadas posteriores à sua criação encontram eco nas narrativas de Elias Nazareno e Roberto Lima. Esses dois autores exploram o nascimento conturbado da UFG no contexto da intelectualidade goiana no momento de criação, meses antes, da Universidade Católica de Goiás (1959). Prosseguem com uma rica e detalhada reconstituição histórica que atravessa os anos do Golpe Militar no seu período mais duro, de 1964 a 1968 – período que dizimou o já escasso núcleo docente das ciências sociais, impondo rigorosa censura à prática acadêmica no curso –, passando pela década economicamente perdida e politicamente fértil dos anos 1980, o neoliberalismo dos anos 1990 até os dias atuais com as políticas de graduação e pós-graduação consolidadas nas ciências sociais da UFG, em que pesem todos os grandes desafios sempre presentes.

Em “Lendo rastros/tecendo traços/contando histórias: a configuração de uma trajetória nas Ciências Sociais, UFG”, Telma Camargo da Silva relata experiências institucionais de pesquisa e de ensino que ressaltam o quanto a produção antropológica local esteve, desde seu início, conectada com outras redes nacionais, destacando-se a parceria com programas à época já consolidados. A autora nos leva de volta aos anos 1980 e 1990, tecendo, a partir do Centro de Estudos da Cultura Popular (CECUP) e dos Cursos de Especialização em Antropologia promovidos pelo então Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL) e pelo Museu Antropológico, rastros importantes para a produção da memória do curso celebrado nesse dossiê e, em especial, do lugar nele ocupado pela Antropologia Social.

Pistas essas que são também seguidas por Nei Clara de Lima, em “Percurso da Antropologia em Goiás”, um texto merecidamente dedicado a Custódia Selma Sena e, podemos acrescentar, a tantos/as outros/as que foram também pioneiros/as na institucionalização da área na UFG. Partindo da constituição histórico-cultural a respeito do sertão como região imaginada, a autora tece considerações sobre os elementos que a transformaram em objeto de estudo, despertando assim interesse antropológico. Além disso, localiza na década de 1970 a institucionalização da área de Antropologia na UFG, tendo como importante marco a criação do Museu Antropológico.

Partindo de lembranças e vivências pessoais, enquanto discentes, docentes e pesquisadoras, alinhando-as ao contexto no qual estiveram inseridas, Telma Camargo da Silva e Nei Clara de Lima nos trazem, podemos dizer, duas escritas profundamente antropológicas da trajetória da Antropologia na UFG.

A edificação e institucionalização de um campo acadêmico constituem, em qualquer contexto, uma empreitada complexa, repleta de agruras e impasses que transcendem os aspectos estritamente epistêmicos, metodológicos ou acadêmicos atinentes à busca por espaços, estruturas, pessoas e meios que permitem o estudo específico, detido e rigoroso de um objeto de conhecimento. O fato é que, como há muito diagnosticara Thomas Kuhn, “gradualmente [...] historiadores da ciência começaram a perguntar tipos de questões e a traçar diferentes, com frequência menos do que cumulativas, linhas de desenvolvimento para

a ciência”¹ (1996, p. 3). Itami Campos, na melhor esteira de uma abordagem que poderia ser entendida como pós-kuhniiana, brinda o leitor com uma história devidamente contextualizada em suas múltiplas conformações, nada linear e repleta em complexidades, tensões ou reviravoltas na consolidação da ciência política em Goiás. Ora, se a física, tão paradigmática e rígida em seus parâmetros conceituais, já nos ensina, ao menos desde Bohr, que objeto e observador não são hermeticamente decomponíveis entre si, imagine-se o estudo do poder, do Estado e das relações de coerção ou força em sociedade, como se dá na política. Assim, o Golpe Militar de 1964, a virada empirista-quantitativa ocorrente nos EUA no âmbito da ciência política e o ambiente social de Goiás na segunda metade do século XX são, dentre outros, elementos inextricáveis da constituição desse campo acadêmico no estado, como se conclui do primoroso texto de Itami Campos.

O artigo apresenta com riqueza de detalhes o percurso seguido pela ciência política em Goiás, com importante destaque para as viradas metodológicas que seguem desde a abordagem das ciências sociais por advogados até o momento em que a área é conduzida em suas especificidades científicas. Esse histórico é apresentado ao leitor em meio a uma contextualização que o explica e informa, em conformidade com a ideia de “história social”, para a qual tanto os conceitos, as interlocuções de ideias como o contexto social e político se revelam indispensáveis na compreensão dos fenômenos (cf. Wood, 2012).

Assim, desde os dias em que o corpo discente teve de assumir o protagonismo nos estudos científico-políticos em Goiás, chegando-se à recente implementação de um programa de mestrado acadêmico na área pela UFG, o professor Itami Campos, a um só tempo autor da consistente narrativa e protagonista da épica história, indica como, ainda que de modo não linear e sujeita às idiosincrasias da história e da realidade social, a área de ciência política se institucionaliza, se profissionaliza e pode se orgulhar de suas conquistas no estado de Goiás.

Na seção “Entrevistas”, apresentamos uma memorável conversa intergeracional entre uma aluna do bacharelado em ciências sociais, Lídia dos Santos Ferreira de Freitas, e a professora de Sociologia aposentada no ano do cinquentenário do curso, Dalva Borges. Nela, percorremos alguns trajetos do curso a partir de seu ingresso como aluna em 1981 e depois como docente, em 1984, carreira que seguiu por produtivos trinta anos. O diálogo entre aluna e professora nos permite vislumbrar aquela dimensão interessante de uma perspectiva geracional que é comparar passado e presente indagando cenários possíveis de futuros que estão por vir, por serem construídos.

Referências

- BENJAMIN, W. O narrador. In: _____. *Textos escolhidos: magia e técnica, arte e política*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-234, v. 1.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, Rio de Janeiro, p. 200-212, 1992.
- KUHN, T. *The structure of scientific revolutions*. 3. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1996.
- WOOD, E. *Liberty and property: a social history of western political thought from renaissance to enlightenment*. Londres: Verso, 2012.

1. Tradução livre do original: “Gradually [...] historians of science have begun to ask new sorts of questions and to trace different, and often less than cumulative, developmental lines for the sciences”.